

EDUARDO HIRTZ, O PIONEIRO

ANTONIO JESUS PFEIL

FILME CULTURA publica um trabalho realizado por Antonio Jesus Pfeil, gaúcho, natural de Santa Rita, Canoas, homem de cinema no mais amplo sentido: historiador, jornalista, pesquisador, realizador de documentários, assistente de direção e de produção de diversos longas-metragens (entre eles **Um Certo Capitão Rodrigo**), sócio diretor de uma empresa produtora de filmes, a Kinografos Filmes Ltda., com sede em Porto Alegre. Entre tantas atividades, Pfeil tem uma paixão especial: a pesquisa cinematográfica. Mantém em sua casa e em seus escritórios um arquivo detalhado, o mais completo, sobre tudo o que se refere a cinema brasileiro realizado no seu Estado natal: documentos, filmes, fotografias, recortes de jornais etc. Pretende escrever um livro, "A História do Cinema Gaúcho". E praticamente já o tem pronto. Enquanto isto, prepara dois longas-metragens: um documentário de hora e meia, "Revolução de 1923", composto em grande parte por filmes da época, e um outro de ficção, ainda sem título, que pretende realizar em Pelotas. FC

UM dos pioneiros do cinema gaúcho, Eduardo Hirtz (1), chegou ao Brasil com a idade de três anos, vindo de Duisburg-Meidrich, Alemanha, em 28 de novembro de 1881. Chegou com a família a Porto Alegre, mas, antes de fixar-se definitivamente nesta cidade, morou no município de Estrela, num lugarejo chamado Teotônia, até 1892. A família dedicou-se ao comércio e Eduardo estudou em um Colégio protestante. Em 13 de janeiro de 1897, fundou com o irmão Francisco a firma Hirtz & Irmão, de artes gráficas, com escritório na rua Conceição. Coube aos irmãos Hirtz a introdução em Porto Alegre da impressão sobre folha de flandres.

O cinema então era "a invenção maluca, do diabo", que assombrava e encantava os espectadores das salas onde o Cinematógrafo projetava imagens que se movimentavam. Em 1897, o "Correio do Povo" fundado dois anos antes, publicava em sua coluna de artes, a estréia no Teatro São Pedro, de uma companhia Zarzuela que tinha entre suas atrações uma apresentação do Cinematógrafo. Quatro dias depois o mesmo jornal fazia crítica: "As suas 'soirées' terminaram com a exibição de um Zulphorama combinado com o Cinematógrafo, que esteve abaixo da crítica, pela ausência necessária de luz...".

Ainda no Teatro São Pedro, em 12 de abril de 1898, a Companhia de Variedades Germano Alves apresentou novas projeções. O Correio do Povo fez largos elogios: "... seguindo-se a exibição do Cinematógrafo Lumière, a melhor que aqui temos visto. Reproduz ele, um ponto grande e muito nitidamente. Vários quadros interessantes, em que os personagens movem-se e como se significasse seres animados...".



Eduardo Hirtz e seu irmão Francisco no escritório da "Hirtz & Irmão" na rua da Conceição



Era o cinema que invadia Porto Alegre, um ano e meio após ter sido lançado no mundo em dezembro de 1895 em Paris, pelos Irmãos Lumière. Outros Cinematógraphos foram apresentados, as imagens se sucediam, documentando os diversos momentos da vida, da história.

Não se tem notícia fidedigna sobre quem primeiro filmou no Rio Grande do Sul. Pery Ribas, historiador e pesquisador residente em Pelotas, cita em seu "Il Cinema in Brasile Fino al 1920" (O Cinema no Brasil Até 1920), publicado em Gênova, 1961, que "em 1904, o exibidor ambulante italiano Giuseppe Fellipi, de passagem por Pelotas, filmou e projetou vistas da **União Gaúcha**, primeiro documentário cinematográfico do centro tradicionalista ainda existente na 'Cidade-princesa'. Em 1908, um outro operador italiano, Nicola Petrelli, continuou as filmagens documentarísticas gaúchas em Pelotas, filmando a primeira partida de futebol do S.C. Pelotas contra o S.C. Rio Grande. Em 1911, um outro fotógrafo italiano, Guido Pannelo, realizou em Porto Alegre **Tragédia da Rua dos Andradas** (...)". Com pequenas variações, realmente era este, o panorama do cinema gaúcho em seus primórdios. Possuímos informações que Guido Pannelo, antes de **Tragédia da Rua dos Andradas** (2), filmou um documentário de 10

minutos, **Propaganda do Rio Grande** (3): "Revestiu-se de brilhantismo o curso de carruagens realizado, ante-ontem, à tarde, no Campo da Redenção e na Av. 13 de Maio, a fim do senhor Guido Pannelo, operador cinematográfico, contratado pelo Ministério da Agricultura, tirar uma fita".

Diante destes trabalhos eventuais, adquire Eduardo Hirtz a importância e o título de pioneiro do cinema gaúcho. A 8 de junho de 1907 realizou seu primeiro filme, um documentário, que foi exibido no Cinema Recreio Ideal. Possuía um laboratório completo, com tanques de revelação, secador, copiadora, duas câmaras Pathé e uma Debret. Muito embora sua obra não tenha a importância daquela realizada por Francisco Santos, em Pelotas, nos anos de 1913 e 14(4), na parte referente ao filme documentário, Hirtz produziu tanto ou mais, num período de oito anos. E sem dúvida alguma ele partiu para o cinema com um objetivo mais concreto diante dos trabalhos esporádicos que aqui se realizava.

Além de produzir documentários Hirtz também é pioneiro no campo da exibição, pois construiu o Cinema Coliseu, juntamente com os irmãos Petrelli (1905-1911) e foi proprietário do cinema Recreio Ideal, também com os Pe-

trelli. Um fato a ser considerado na história do cinema gaúcho envolve estes dois cinemas. O documentário sobre a **Tragédia da Rua dos Andradas**, filmado por Guido Pannelo, um dia após o acontecimento, foi patrocinado pelo Cinema Recreio Ideal e o filme foi lançado no Cinema Coliseu. Portanto Hirtz foi um dos produtores do referido documentário. **Tragédia da Rua dos Andradas** focaliza o assalto realizado numa casa lotérica da rua dos Andradas, que culminou com o assassinato do proprietário, pessoa muito conhecida na sociedade local, despertando de imediato a revolta do povo e o interesse das autoridades que não tardaram a solucionar o caso. Durante o assalto houve perseguição e tiroteios, tendo sido mortos todos os quatro assaltantes. Guido Pannelo filmou tudo, inclusive a reconstituição do assalto. As fotografias publicadas na imprensa dão uma noção do que seria o documentário e sua importância. O filme atraiu multidões durante uma semana.

Em 1912, Hirtz inaugurou o Cinema Teatro Apolo e, em 1915, o Cinema Teatro Talia, e iniciou em Porto Alegre o costume de exibição contínua por sessões diárias. Entre os anos de 1912 e 1913 ele realizou nos arredores de Porto Alegre o primeiro filme realmente de ficção: **Ranchinho do Sertão**, baseado no poema



Os 4 ladrões assassinos: Tragédia da Rua dos Andradas

de Lobo da Costa. O intérprete principal era Carlos Cavaco, figura conhecida nos meios políticos, literários e jornalísticos de Porto Alegre. A "mocinha" chamava-se Leonar. Pery Ribas assim se refere ao filme em seu trabalho já citado: "O cinema de ficção nasce na capital dos Pampas naquele mesmo ano, com as filmagens, em 96 metros, de um dos mais populares poemas gaúchos, **O Ranquinho do Sertão**. O filme foi produzido pelos distribuidores alemães de Porto Alegre, Eduardo e Francisco Hirtz, e teve como protagonista o jornalista, escritor e poeta de Santana, Carlos Cavaco (Carlos Araújo), secundado por pessoas de sua família e pelo ator Baiano Ribeiro". Em 1915, tendo perdido concorrência pública, referente à realização de um documentário, para o cinegrafista Laffaeti (embora tenha proposto ficar sob sua conta e risco os custos da produção, submetendo o filme para posterior apreciação dos interessados) Hirtz ficou magoado, e reunindo tudo que filmou num terreno à rua São Rafael, 1.114, incendiou sua obra. Fechou a produtora e nunca mais filmou.

De tudo isso restou um documentário de sete minutos que, na ocasião, estava sendo

exibido num cinema em Santa Maria. Realizado em 8 de dezembro de 1912, **Passeio da S. Recreio Juvenil** (5), mostrava um piquenique promovido pela referida Sociedade no Capão do Pontal, uma ilha dos arredores de Porto Alegre. O filme mostra o rio Guaíba, um barco nele navegando, afastando-se com seus passageiros a bordo. Depois a chegada na ilha. O povo e a moda da época com predominância do branco nas roupas, e chapéus tipo Santos Dumont. Os divertimentos: corridas, o jogo do chicote, etc. Grupos de famílias posam para a câmara no melhor estilo de então. Um baile campestre é mostrado — e possui todo um sabor de nostalgia. A movimentação se restringe ao mínimo possível e é completa a ausência de planos próximos. A fotografia é boa, nítida, prejudicada pelos reflexos das indumentárias brancas sob a luz do sol, causando o efeito de rebatedores.

Os documentários de Eduardo Hirtz terminavam sempre com um logotipo: uma palheta com pincéis atravessando o orifício na extremidade e, ao centro, um pombo correio transportando um envelope no bico. Dentro da palheta, na parte superior o nome ED. HIRTZ e na parte inferior P. ALEGRE. Durante oito anos algumas

vezes acompanhado pelo seu assistente de câmara Alberto Eggers, Hirtz transportou sua câmara aos mais diversos lugares do Rio Grande do Sul, documentando tudo o que podia. Não fosse o seu gesto impulsivo queimando sua obra, possuiríamos hoje um precioso material de toda uma época da história do Rio Grande do Sul.

(1) Eduardo Hirtz nasceu a 7 de abril de 1878, em Duisburg-Meidrich, Alemanha Ocidental. Filho de Paulo Hirtz e Guilhermina Kruger Hirtz. Um irmão: Francisco. Casou-se com Sibille Ruschel Hirtz e teve três filhos, Armando, Marta, Elda. Faleceu em 23 de fevereiro de 1951.

(2) **Tragédia da Rua dos Andradas** aconteceu em 6 de setembro de 1911.

(3) Propaganda Rio Grandense — "Correio do Povo", 29 de agosto de 1911, página 2.

(4) Francisco Santos, à frente da Guarany Films, produziu: **A Mulher do Chiqueiro**, **Marido Fera** (ambos focalizando fatos verdadeiros que empolgaram a opinião pública da época); os filmes de ficção **O Crime dos Banhados**, com quatro partes, **Os Óculos do Vovô**, comédia; e um total de 83 cinejornais **Pelotas 1913**.

(5) Este documentário encontra-se em poder do autor do artigo, para contratipagem.